

INTERIORIZAÇÃO DA HOMOFOBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME *CLOSE* DE LUKAS DHONT

Janailson da Silva Costa ¹

Felipe Martins da Silva ²

Iris Dayane Guedes Lira ³

INTRODUÇÃO

O cinema tem sido, historicamente, um espelho e um produtor de imaginários sociais. Como arte e linguagem, ele reflete as tensões, os conflitos e as transformações culturais de seu tempo, funcionando como uma poderosa ferramenta de leitura do mundo. No contexto contemporâneo, filmes que abordam temáticas LGBTQIAPN+ vêm conquistando espaço, contribuindo para questionar normas de gênero, padrões de masculinidade e formas de amar que foram, por séculos, silenciadas ou estigmatizadas. Entre essas produções, o longa-metragem *Close* (2022), do cineasta belga Lukas Dhont, destaca-se por sua delicadeza ao tratar da amizade e do afeto entre dois meninos, Léo e Rémi, em meio às pressões da heteronormatividade.

A importância de se refletir sobre essa obra está na sua capacidade de revelar como o olhar social e o medo do julgamento alheio moldam comportamentos, afetos e identidades. Como lembra Louro (2018), “a heteronormatividade é um regime de poder que organiza as práticas sociais e define o que é considerado natural em termos de desejo, corpo e identidade” (p. 26). Nesse sentido, *Close* não apenas narra uma história, mas expõe as feridas invisíveis de uma sociedade que ensina meninos a reprimir suas emoções e afetos para corresponderem a um ideal de masculinidade hegemônica.

Essa masculinidade, conforme aponta Moreno (2001), é construída socialmente sobre a negação do feminino e da homossexualidade. O resultado é uma estrutura psíquica e cultural que fragiliza os vínculos emocionais entre homens e faz do afeto algo proibido ou ridicularizado. O filme de Dhont desvela o preço dessa repressão: o afastamento, o silêncio e, em última instância, a autonegação. A experiência de Léo e Rémi é, assim, um

¹ Mestrando em Formação de Professores- UEPB/PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: janailsonth@gmail.com;

² Especialista em alfabetização e letramento pela União Brasileira de Faculdades – UniBF, E-mail: felipemarthyns2014@gmail.com;

³ Mestra em educação UFPB-PPGE, E-mail: irisdayane04@gmail.com.



espelho das violências simbólicas e emocionais que se perpetuam quando o amor e a amizade são filtrados pelo olhar normativo da sociedade.

Nesse contexto, a interiorização da homofobia surge como um processo perverso e silencioso, no qual o sujeito absorve os preconceitos que circulam culturalmente e os dirige contra si mesmo. Como observa Trevisan (2018), “a homofobia mais cruel é aquela que se instala na alma, fazendo do indivíduo seu próprio censor e carrasco” (p. 213). *Close* traduz visualmente esse processo, mostrando como o medo da rejeição e o desejo de aceitação social podem levar um jovem a negar o próprio afeto, resultando em tragédias emocionais e existenciais.

Para compreender a profundidade dessa questão, é necessário pensar o cinema como um dispositivo de discurso e como ferramenta pedagógica. Penafria (2009) propõe que a análise fílmica vá além da narrativa e do roteiro, explorando os elementos visuais, simbólicos e sonoros que constroem sentidos e produzem efeitos de realidade. Assim, analisar *Close* sob uma perspectiva crítica e queer significa reconhecer o cinema como um espaço de resistência, onde corpos dissidentes podem ser vistos, sentidos e compreendidos.

A análise deste filme torna-se, portanto, uma oportunidade para pensar os efeitos da homofobia internalizada na formação da subjetividade masculina e nas formas de sociabilidade entre jovens. Como pontua Nagime (2016), “o cinema queer tem o potencial de deslocar olhares e provocar novas sensibilidades, abrindo brechas para outras narrativas sobre o corpo e o desejo” (p. 14). É a partir dessa perspectiva que este artigo se propõe a investigar de que maneira *Close* expõe os mecanismos sutis da homofobia e como essa experiência fílmica pode contribuir para o debate sobre educação, afetividade e diversidade sexual.

Ao adotar esse olhar analítico, não buscamos apenas interpretar um produto cultural, mas também refletir sobre como as produções cinematográficas podem dialogar com a realidade social e educativa. A arte, nesse sentido, é uma forma de conhecimento que revela o indizível e convida o espectador à empatia — condição fundamental para transformar as relações humanas e desafiar os preconceitos que ainda persistem em nossa sociedade.

METODOLOGIA



Para esta análise, utilizamos a metodologia de análise fílmica proposta por Penafria (2009), que considera o filme como um texto cultural, passível de interpretação a partir de seus elementos narrativos, estéticos e simbólicos. A análise fílmica, segundo a autora, permite compreender o modo como “o discurso cinematográfico constrói sentidos através da articulação entre imagem, som e narrativa” (PENAFRIA, 2009, p. 45).

Dessa forma, analisamos *Close* não apenas como uma representação artística, mas como um dispositivo de discurso (Foucault, 1996), que participa da produção de saberes sobre gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, os questiona.

REFERENCIAL TEÓRICO

Afeto, masculinidade e o olhar normativo

Desde as primeiras cenas, o filme *Close* apresenta uma relação intensa e carinhosa entre Léo e Rémi, dois garotos adolescentes. A câmera de Dhont capta gestos de ternura e cumplicidade, como o dormir juntos ou o brincar nos campos de flores — imagens que simbolizam um amor puro, livre de rótulos. Contudo, quando esse afeto é observado sob o olhar normativo dos colegas, ele é transformado em algo suspeito.

Moreno (2001) destaca que “a masculinidade hegemônica é construída sobre a negação do feminino e da homossexualidade” (p. 79). É justamente essa estrutura que começa a corroer a amizade dos protagonistas. O olhar social atua como mecanismo disciplinador (FOUCAULT, 1996), impondo fronteiras entre o que é “aceitável” e o que é “anormal”.

A pressão para que Léo se distancie de Rémi traduz a força da heteronormatividade, conceito que, segundo Louro (2018), funciona como um regime político e cultural que naturaliza o desejo heterossexual e marginaliza as demais expressões afetivas e sexuais.

A interiorização da homofobia

Trevisan (2018), ao discutir o preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+, observa que “a homofobia mais devastadora é aquela que se instala no próprio sujeito, tornando-o cúmplice de sua opressão” (p. 213). Em *Close*, Léo internaliza o olhar de reprovação dos colegas e começa a negar sua própria sensibilidade e vínculo com Rémi.



Essa rejeição de si é um exemplo claro da **interiorização da homofobia** — conceito que Nagime (2016) descreve como a assimilação inconsciente do discurso homofóbico dominante. O trágico desfecho do filme, marcado pelo suicídio de Rémi, evidencia o peso simbólico e emocional desse processo.

A homofobia, portanto, não se manifesta apenas em atos explícitos de violência, mas também na vergonha, no silêncio e na tentativa de se adequar às normas. Como lembra García (2007), “a homofobia cultural opera de modo difuso, infiltrando-se nas práticas cotidianas, nas palavras não ditas e nos gestos reprimidos” (p. 61).

Cinema como pedagogia da sensibilidade

O cinema, enquanto linguagem estética e política, pode ser compreendido como um espaço pedagógico. Ele provoca o espectador, desperta empatia e convida à reflexão. Segundo Nagime (2016), “o cinema queer permite ver e sentir o mundo a partir de outros corpos, outras vozes e outras possibilidades de existência” (p. 12).

Close assume essa função ao construir uma narrativa que expõe a dor e a fragilidade de uma masculinidade em conflito. Ao aproximar o público da experiência de Léo e Rémi, o filme rompe o silêncio em torno da afetividade masculina e questiona os limites impostos pela heteronormatividade.

Como destaca Louro (2018), é urgente “educar o olhar” para reconhecer as múltiplas formas de amar e existir. Nesse sentido, o cinema torna-se um dispositivo de resistência, capaz de promover a educação dos afetos e a desconstrução de preconceitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise fílmica de *Close* (2022), de Lukas Dhont, revelou que o olhar social atua como um dispositivo de poder (FOUCAULT, 1996), regulando os gestos e as formas de afeto entre os protagonistas. A amizade entre Léo e Rémi, inicialmente marcada por ternura e espontaneidade, passa a ser questionada pelos colegas, instaurando o medo e a vergonha. Esse olhar heteronormativo transforma a naturalidade do vínculo em algo suspeito, levando os meninos a reprimir seus sentimentos e ajustarem-se às expectativas sociais.

O processo de distanciamento entre os personagens ilustra a força da masculinidade hegemônica, construída sobre a negação do feminino e da



homossexualidade (MORENO, 2001). Ao buscar se enquadrar nesse padrão, Léo reprime sua afetividade e tenta afirmar uma identidade masculina pautada na dureza emocional. Louro (2018) observa que os meninos são educados para conter a sensibilidade, o que faz da ternura um gesto perigoso. No filme, Dhont traduz essa repressão através da linguagem cinematográfica — silêncios, enquadramentos frios e ausência de toques —, revelando a solidão que a normatividade impõe.

A tragédia que envolve Rémi simboliza as consequências da homofobia interiorizada, definida por Trevisan (2018) como o momento em que o sujeito internaliza o preconceito e o dirige contra si mesmo. Léo, ao negar o próprio afeto, incorpora o discurso homofóbico e se torna vítima dele. O sofrimento que o consome após a perda do amigo traduz não apenas a dor do luto, mas o peso da culpa e do silenciamento que a repressão afetiva produz. Dhont, de forma poética e dolorosa, mostra como o medo de ser visto como “diferente” pode destruir vínculos e subjetividades.

Por fim, os resultados indicam que *Close* atua como um espaço de denúncia e reflexão sobre as violências simbólicas da heteronormatividade. O filme evidencia que a homofobia não se restringe a agressões explícitas, mas se manifesta de modo sutil, nas relações cotidianas e nos olhares de desaprovação (GARCÍA, 2007). Ao dar visibilidade a essa dor silenciosa, Dhont transforma o cinema em uma pedagogia das sensibilidades (NAGIME, 2016), convidando o espectador a repensar as formas de educar para o afeto, a diversidade e a aceitação das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Close* evidencia como o cinema pode ser um espaço de crítica social e reflexão sobre os efeitos da homofobia interiorizada. O filme de Lukas Dhont revela que o tabu do afeto entre meninos é uma das faces mais sutis e destrutivas do preconceito, pois atua na formação subjetiva dos indivíduos, moldando comportamentos e silenciando emoções.

Discutir obras como *Close* é fundamental para desnaturalizar os discursos que sustentam a heteronormatividade e abrir caminho para uma educação mais plural, inclusiva e sensível às diversidades. Assim, o cinema não apenas representa a vida, mas também nos convida a repensá-la.



Palavras-chave: Homofobia interiorizada; Cinema queer; Masculinidade; Heteronormatividade; Afeto adolescente.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- GARCÍA, Julio. *Homofobia e educação: um desafio contemporâneo*. Madrid: Egales, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MORENO, Antônio. *Masculinidades e homofobia: a construção social da virilidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- NAGIME, Lucas. *Cinema queer e educação: ver e pensar as diferenças*. São Paulo: Cortez, 2016.
- PENAFRIA, Manuela. *Análise fílmica: teoria e prática*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

